

Por causa de Maluf, Passarinho renuncia e vai votar em Covas

por Marcos Magalhães
de Brasília

O senador Jarbas Passarinho (PDS-PA) entrega hoje, durante uma reunião da executiva nacional, a presidência do PDS. Esta será a primeira baixa do partido após a indicação do ex-governador Paulo Maluf como candidato à Presidência da República, na convenção do último final de semana. O senador pretende permanecer no PDS, mas não subirá ao palanque com o candidato.

"Nós temos estilos conflitantes, a começar por uma base ética", afirmou ontem Passarinho, que já tinha um carta pronta para ser endereçada a Maluf. "A-

lém disso, não possuímos identidade política: o fato de ambos não sermos comunistas não é suficiente", alegou.

O senador votou no prefeito de Florianópolis, Esperidião Amin, no domingo.

Assim como ele, a maior parte da Executiva Nacional posicionou-se contra Maluf. Estiveram com Amin, além das delegações de Santa Catarina e — quase totalmente — do Rio Grande do Sul, os senadores João Castelo (PDS-MA) e Afonso Sancho (PDS-CE), bem como os deputados Vitor Faccioni (PDS-RS), José Luís Maia (PDS-PI) e Felipe Mendes (PDS-PI).

Ao todo o grupo representa mais de 43% do PDS. "Foi o voto de qualidade do partido", observou o presidente do partido em Brasília, Carlos Zakarevsky. Apontava-se ontem como improvável o início de uma grande revoada do partido.

"Eu vou ficar no PDS", anunciou Jarbas Passarinho. Com esta atitude, o senador praticamente inviabiliza a sua adesão, como candidato a vice-presidente, em chapas com as de Aureliano Chaves e Jânio Quadros. Para que isso venha a ocorrer, a legislação eleitoral — ainda não aprovada pelo congresso — teria de esticar o prazo de filiação partidária,

até agora estabelecido em seis meses antes das eleições.

De qualquer maneira, o senador não parece animado com a hipótese. "Não sou candidato a nada", diz ele.

"Quero apenas me preparar para ser o líder da oposição ao futuro governo no Senado". Passarinho revela, contudo, que serão formadas dissidências regionais no PDS, e cita como exemplo o Pará, seu estado. Por motivos éticos, o senador preferiu não adiantar o seu voto em 15 de novembro. Mas admite que tem uma "simpatia antiga e recíproca" com o seu colega Mário Covas, candidato do PSDB.